



O Discurso Telejornalístico¹

Carla Simone Doyle Torres² (Universidade Federal de Santa Maria)

Adair Caetano Peruzzolo³ (Universidade Federal de Santa Maria)

Resumo

Fatos telejornalísticos vistos como histórias montadas. Com este trabalho, observamos que, ao se tornarem midiáticos, os acontecimentos têm formada em torno de si uma aura peculiar de sentidos. Subordinados a um dispositivo audiovisual amplamente difundido, os sujeitos envolvidos no jogo enunciativo agem de acordo com o que lhes permite o estatuto da linguagem iconoverbal da televisão. Destacam-se os sentidos que essa manipulação de estruturas discursivas audiovisuais de informação faz circular. Verifica-se, nas narrativas de Jornal da Band e Jornal Nacional, o uso dos recursos de afastamento e aproximação do sujeito, ligados aos efeitos de objetividade e subjetividade; assim como dos recursos de referencialidade, que ancoram os textos nos dados do mundo físico, colaborando na objetividade dos discursos.

Palavras-chave

Telejornal; iconoverbal; enunciação; discurso; sentido.

1. Introdução

Através do dispositivo manifestam-se as diversas regras de construção e leitura que engendram as mensagens em torno das quais firma-se um contrato. Neste trabalho, a enunciação é compreendida em sua inserção no dispositivo telejornalístico, instituído como um modo cultural de fazer comunicação midiática.

Nesse sentido, torna-se necessário compreender que a força que se apodera da mídia, legitimando-a como modelo cultural cuja natureza é ser matriz geradora de outros modelos culturais. Partindo dessas premissas, entendemos que tudo o que é mostrado em televisão – a exemplo do que é estampado como assunto em um telejornal – só está ali porque responde a alguma necessidade que nossa comunidade comunicativa reconhece como sua. As notícias são assim reconhecidas ao serem assimiladas como

¹ Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo, do VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul.

² Aluna do Mestrado em Comunicação Midiática / Linha Mídias e Estratégias Comunicacionais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Jornalista, integrante do Grupo de Pesquisa Imagem desde 2003, e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Comunicação Social da UFSM no período de 2003 a 2006. E-mail: carla.doyle@gmail.com..

³ Professor do Curso de Comunicação Social e do Mestrado em Comunicação Midiática, da UFSM. Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Pós-Doutor pela Universidad Autònoma de Barcelona, pesquisador do CNPq, criador e coordenador do Grupo de Pesquisa Imagem, do Depto. de Ciências da Comunicação da UFSM. Autor de livros como Elementos de Semiótica da Comunicação, Comunicação como Encontro e Comunicação e Cultura, trabalha com processos de significação e linguagens audiovisuais. E-mail: acperuzzolo@bol.com.br.



legítimo valor de alguém para alguém. E o manejo dessa estrutura tem um significado que vai muito além da simples condição de aceitar ou não esses determinados valores.

É pela partilha, pelo (re)conhecer dos valores e das linguagens circulantes, que se forma uma comunidade discursiva. Assim, o objetivo deste trabalho é reconhecer os valores propostos no conjunto de estratégias discursivas que permeiam os textos informativos audiovisuais, independente das intenções no âmbito da produção e das conseqüências interpretativas em escala social. Estará em questão o bloco discursivo em si, concentrado no jogo do significar e do fazer sentido a partir dos recursos de afastamento e aproximação da instância enunciativa. Assim, a metodologia concentra-se no ponto em que os sujeitos da enunciação encontram-se – o texto audiovisual – com suas estruturas repletas de polissemias.

Este trabalho é parte de uma pesquisa cujo corpus geral abrange doze edições de dois telejornais: Jornal da Band e Jornal Nacional. São seis edições do Jornal da Band, veiculado de segunda a sábado pela Rede Bandeirantes, canal 10, ordinariamente das 19h20 às 20h10; e seis edições do Jornal Nacional, veiculado pela Rede Globo de Televisão, canal 12, nos mesmos dias, ordinariamente das 20h15 às 21h. A coleta foi feita ao longo do segundo semestre de 2006, e como critério científico foram previamente escolhidas as últimas edições mensais de cada telejornal entre julho e dezembro. Além do potencial de abrangência nacional de ambos, também foi fundamental para a escolha a adjacência de seus períodos de veiculação, que possibilitou, em regra geral, a captação de cada edição do corpus em sua totalidade, salvo exceção⁴.

O presente estudo atém-se às coletas dos meses de julho e agosto. Para a análise das estruturas discursivas, o corpus foi observado a partir de categorias empíricas que refletem as divisões mais utilizadas atualmente na modalização das mensagens midiáticas no gênero telejornalístico. Essas categorias gerais são a reportagem, a nota (de locutor e coberta)⁵, o comentário e a previsão do tempo.

⁴ A exceção é o período da campanha eleitoral à Presidência, quando, devido a contar com apenas uma fonte de captação (vídeo-cassete) e pela concomitância entre os instantes finais de um e os iniciais de outro telejornal, foram perdidos alguns trechos de determinadas edições. Contudo, a qualidade da pesquisa não parece ser comprometida, devido à repetição dos rituais de abertura e encerramento de cada um dos programas; mudam, basicamente, os temas veiculados. Como os temas – apesar de importantes – são superados analiticamente pelo estudo do tratamento discursivo, esse inconveniente não parece tomar grandes proporções.

⁵ Notas de locutor são as notícias ditas pelo apresentador/âncora sem o uso de imagens que acompanhem/cubram a fala ou que são acompanhadas por uma espécie de símbolo ao fundo, no próprio estúdio. As notas cobertas são notícias narradas geralmente no momento da apresentação do telejornal e acompanhadas/cobertas por imagens.



A curiosidade, embora esta análise não dependa de dados acerca da recepção dos textos, dá-se também em função desta característica de veiculação do referido corpus: quais estratégias impregnam as construções iconoverbais ofertadas a tantos lares, ao mesmo tempo, em todo o Brasil? Que tratamentos discursivos revestem o critério do interesse público, uma das principais premissas para que determinado dado possa vir a ser processado jornalisticamente como notícia?

Para refletir acerca de tais assuntos, são anteriores a esta reflexão os conceitos de midiaticização (com ênfase na força das linguagens visuais circulantes), e da mídia em sua relação com a cultura, com a imagem e com a enunciação visual. A imagem é aqui abordada também com base em suas propriedades icônicas, indiciais e simbólicas. Em associação com as teorias que baseiam as análises icônicas, a linha de pensamento de Maingueneau fundamenta a análise discursiva global das narrativas. Paralelamente, lanço vieses para as considerações acerca da carga dramática, partindo da realidade de que os fatos telejornalísticos são construções midiáticas ofertadas socialmente.

2. Recursos de afastamento: efeitos de objetividade

A posição do sujeito com relação ao texto que produz está implicada na categoria dos efeitos de enunciação. Seu afastamento confere objetividade à narrativa. Essa característica manifesta-se através de marcas como verbos em terceira pessoa, verbos impessoais e indicadores de estado. Por muito tempo, o imperativo da conduta jornalística guiou-se por esses usos, especialmente em termos de imprensa escrita. Ao gênero jornalístico televisivo, muito foi legado dessa postura.

Jornal da Band e Jornal Nacional apresentam diferentes entradas à objetividade jornalística, de acordo com os modos de afastamento utilizados na narrativa geral de cada um. Observa-se que o foco de objetividade do primeiro recai sobre o texto englobante⁶, ou seja, o texto/estrutura mais geral da edição, que abrange os textos menores, como a própria apresentação até as estruturas como a reportagem, a nota e o comentário. Já em Jornal Nacional, as figuras dos apresentadores são mais enfatizadas nesse sentido. Ao longo de ambas as edições desse telejornal, além de as personagens dos apresentadores ganharem forte função de eixo centralizador e direcionador das

⁶ FECHINE, Yvana. Anotações feitas na Sessão 27 da IV SBPJor. Porto Alegre, 2006.

narrativas, é menos freqüente o uso da primeira pessoa a até mesmo da assinatura das reportagens⁷, recurso muito utilizado, em compensação, em Jornal da Band.

Na figura 1, a seguir, Jornal da Band é apresentado como uma entidade onipresente. Os apresentadores são enfatizados na condição de personagens, partes do jogo da enunciação. “Está no ar o Jornal da Band”, texto verbal que abre a edição, funciona como uma voz superior às personagens dos apresentadores, que são vistos num *plongée* (ângulo de câmera alta). Observe:



Figura 1: O *plongée* da abertura de Jornal da Band

Após o alinhamento da câmera aos olhos do apresentador, presenciamos o que identifico como a entrega do turno de fala a essa personagem, antes mostrada e que agora parece incorporar a entidade mostradora. Em geral, essa tomada de turno de fala é menos marcada em Jornal Nacional, visto que a primazia pelo primeiro plano/*close* desde o início das edições reforça constantemente a idéia da apresentação/imposição. Assim, diferente de Jornal da Band, torna-se menos freqüente que os apresentadores apareçam em plano médio; isso ocorre mais tradicionalmente nos momentos dedicados aos intervalos.

A freqüente imagem ao fundo, em que as personagens da redação de Jornal Nacional aparecem trabalhando num nível físico acentuadamente inferior, parece colaborar parava formação de uma atmosfera de soberania e sapiência absoluta em torno das personagens dos apresentadores William Bonner e Fátima Bernardes. A perfeição em cada gesto, o raro deslize nas falas e o riso contido e sóbrio, parecem reforçar o afastamento e a conseqüente objetividade.

Em Jornal Nacional, são longas as cabeças⁸ das reportagens, assim como as notas de locutor e as notas mistas⁹ – em que a cobertura por imagens se dá apenas em

⁷ A assinatura de reportagens no gênero telejornalístico se dá pela menção do repórter, em terceira pessoa, à personagem dele mesmo.

⁸ Cabeças são pequenas ou médias introduções às reportagens ao longo de um telejornal.

parte de seus conteúdos. Esses elementos constituem boa parte do tempo total da edição e parecem concentrar a atenção na imagem das personagens dos apresentadores.



Figura 2: Fátima Bernardes em plano fechado.

Em ambos os telejornais há características indiciais e referenciais da transmissão “ao vivo” e da câmera na linha dos olhos dos apresentadores. É uma espécie de “frente a frente” que atribui à cena um efeito de aproximação com o real. A indicialidade é uma propriedade de todo objeto que apresenta uma relação de conexão real com seu referente. Ou seja, a ênfase ao “ao vivo” dá o sentido de que as pessoas representadas estão realmente ali e num tempo concomitante ao da transmissão do programa.

Nesse aspecto, a objetividade atribuída aos textos é também consequência da impressão de instantaneidade das informações apresentadas, ainda que a maioria dos *vt's*¹⁰ utilizados sejam preparados com certa antecedência a cada edição que os veicula e que, por isso, enquadrem-se mais na categoria das imagens icônicas – aquelas de características imitativas, analógicas e semelhantes ao índice que lhes deu origem (JOLY, 1999). O telespectador atualiza um acontecimento do passado recortado pelo olhar do dispositivo de edição. Toda a carga informativa do conteúdo é virtual e arbitrária, pois sua oferta depende do ponto de vista da enunciação que a modaliza.

Na edição de julho, *Jornal Nacional* apresenta 12 reportagens, duas notas de locutor, quatro notas cobertas e três comentários, além da previsão do tempo. Em agosto, somam-se oito reportagens quatro notas de locutor e cinco notas cobertas, além da previsão do tempo. Note que não há registros de comentários nessa edição, assim como veremos adiante que não há registros de notas de locutor na edição de agosto de *Jornal da Band*. Também é menos freqüente a assinatura das reportagens em *Jornal Nacional*.

Com poucos espaços formais e informais de comentários, o uso de expressões fortemente avaliativas é menos freqüente do que em *Jornal da Band*. Como exemplo de ênfase predominante na terceira pessoa, aponto alguns trechos subsequentes na edição

⁹ Para fins de quantificação e análise, as notas mistas são consideradas na pesquisa como subtipos de notas cobertas, e por isso também incluídas nesta categoria.

¹⁰ *Vt's*: *video-tapes* (reportagens, notas entre outras gravações noticiosas).

de julho de *Jornal Nacional*. Na reportagem que tematiza a guerra no Líbano, as avaliações são discretas, mesmo utilizando verbos como “acusar” e “alegar”. O espaço em que – no outro telejornal estudado – seria normalmente incluído um comentário é aqui preenchido por um texto conector que não chega a se configurar num comentário propriamente:

Fátima: (...) alguns libaneses permanecem em casa, apesar do perigo dos ataques.

O turno de fala é cedido à personagem do repórter Mounir Safatli, que não faz parte do elenco tradicional do telejornal. Sua imagem icônica congelada aparece a um canto da tela, segurando um telefone. Ao fundo, a representação geográfica do Líbano.



Figura 3: Mounir Safatli: Voz e face graves ao reportar o drama da guerra

A voz embargada contrasta fortemente com o tom até então mais linear entre as falas das personagens de outros repórteres da edição e da apresentadora. O timbre e feição graves incorporam uma carga dramática necessária à narrativa, ao representar a situação-limite do local. Eis o ambiente narrativo peculiar para assuntos de guerra. Essa seqüência de recursos audiovisuais modaliza ricamente o tom drástico da temática, típico das *hard news*¹¹. O uso de voz e face não conhecidas e talvez nunca antes veiculadas em qualquer edição do telejornal parece ser outro grande recurso de referencialidade: uma outra voz que endossa a primeira (a da apresentadora), um informante que está tão longe e num lugar tão precário, que somente por telefone é possível passar informações.

Embora no momento raramente atentemos detalhadamente a esses recursos discursivos – até mesmo pela dinamicidade da narrativa televisiva – eles acabam agindo no todo da produção de sentidos. Trata-se de um trecho que movimentava valores de vida e de morte, invariavelmente relacionados a emoções mais intensas em qualquer tempo ou lugar.

¹¹ *Hard news* refere-se a “acontecimentos factuais fortes” (BECKER, 2005, p. 101).



Outros recursos de afastamento muito comuns são a menção de dados estatísticos ou pesquisas, assim como as falas das personagens dos entrevistados. Esses elementos ancoram as temáticas e dão margem a desdobramentos narrativos. A personagem do repórter, em geral, é mantida em onisciência. Observe:

- Jonas Campos: Nas escolas brasileiras, uma outra pesquisa jogou luz sobre um problema crescente, a violência que ameaça professores dentro da sala de aula (...) Simone foi agredida por um aluno de apenas 11 anos. Ele começou a dar as respostas de uma prova em voz alta. A professora ameaçou tirar o teste e o estudante não gostou.
- Profª Simone: Queria me matar, queria acabar com meu carro... Quando eu me sentei na mesa, que comecei a trabalhar, ele jogou a pedra com tudo.
- Jonas Campos: Você se assustou?
Aluna: Sim.
Aluno: Daí começou todo mundo a chorar.
- Jonas Campos: Simone precisou levar pontos no rosto e ficou um mês de licença.

A história chega ao ápice dramático pela troca de turno de fala: coloquialmente, a personagem agredida narra a violência sofrida. Ao recorrer às vozes da professora e dos alunos, a enunciação confere grande potencial de objetividade à narrativa, além de torná-la o mais curta possível.

Em prol do ritmo dinâmico, acontecem procedimentos improdutivos em termos da informação agregada, como quando é perguntado à menina se ela sentiu medo. Se houvesse mais tempo disponível para a reportagem ou o se o foco de possibilidades polifônicas não tivesse sido fortemente direcionado no discurso da informação, poderia ter sido perguntado o que ela sentiu, e não ter sido condicionada uma resposta flagrantemente óbvia frente à pergunta fechada: “sim”.

Assim, observarmos que mesmo textos objetivados pelo uso da terceira pessoa verbal e de recursos de referencialidade trazem marcas subjetivas. Num primeiro momento – e geralmente o único para quem não analisar discursivamente o texto – elas podem passar despercebidas.

3. Recursos de aproximação: efeitos de subjetividade

Se o afastamento do sujeito enunciador com relação ao texto confere objetividade à narrativa, sua aproximação colabora para o efeito de subjetividade. É vasto o rol das marcas textuais que denunciam a presença da instância enunciativa; destacam-se os verbos em primeiras e segundas pessoas, os pronomes possessivos e



demonstrativos os advérbios (de modo principalmente), os ajuizamentos e os efeitos de interlocução. Em *Jornal da Band* e *Jornal Nacional*, são diferentes os modos e a frequência com que a subjetividade é utilizada dentro dos critérios aqui observados. No primeiro, ela é rotineira e mais bem marcada, enquanto, no segundo, é mais rara e tênue.

Na edição de julho de *Jornal da Band*, entre as categorias empíricas, contam-se 11 reportagens, duas notas de locutor, quatro notas cobertas e oito comentários, além da previsão do tempo. Na edição de agosto, poucas variações: o mesmo número de reportagens, nenhuma nota de locutor, seis notas cobertas e novamente oito comentários, além da previsão do tempo.

Destacam-se os comentários em ambas as edições. E ainda que não utilizem sempre a primeira pessoa verbal, parecem colaborar para que o telejornal não se caracterize como uma estrutura rígida. Entre os 16 comentários – feitos por personagens como Boechat, Franklin Martins, mas em sua maioria assumidos por Joelmir Beting – alguns são subseqüentes, formando espécies de grupamentos de opiniões.

Personagem em torno da qual forma-se uma atmosfera de intelectualidade, Beting é geralmente mostrado em câmera fechada (*close*). Forma-se uma imagem simbólica que agrega considerável objetividade ao texto a ele atribuído na estrutura global da edição, ainda que faça uso de expressões fortemente coloquiais, como veremos adiante. Seus comentários são interpostos a uma série de reportagens e notas modalizadas de acordo com os tradicionais critérios de objetividade. Essa alternância entre formalidade e informalidade confere constante descontração à narrativa de *Jornal da Band*, o que o difere drasticamente de *Jornal Nacional*, em que os momentos de temáticas menos tensas são, em geral, os que se aproximam do final de cada edição.

Ao longo do corpus de *Jornal da Band*, noto que os comentários apresentam-se em dois casos/funções mais freqüentes: aqueles que encerram ou ligam assuntos, e aqueles que parecem estar inseridos com uma certa “clandestinidade”, como sub-textos que “não estão no script”, e que acabam tendo até mesmo certa carga humorística. Esse último tipo de comentário é, predominantemente, voltados aos temas políticos.

É o que acontece na edição de agosto, em que são fortes os tons irônico e profético, potencializados por recursos como a intertextualidade, que liga alguns assuntos da edição a temas polêmicos conhecidos previamente pelo público, como veremos em exemplo adiante. O primeiro exemplo a seguir parte de uma referência à reportagem anterior, sobre o resgate de uma das obras de arte mais famosas do mundo, o quadro *O Grito*.



Figura 4: *Close* em Joelson Beting

O *close* do enquadramento parece “oficializar” o espaço do comentário, que funciona também como um ponto-chave para tornar pertinentes assuntos de blocos diferentes e que aparentemente diferem de modo radical: arte internacional e o PIB brasileiro. Observe o efeito causado pela heterogeneidade discursiva, ao serem utilizadas metáforas e hipérboles que conferem intensidade à narrativa, principalmente quando analisadas em conjunto com a gravidade da feição de Beting:

Beting: Grito de espanto mesmo é o do contribuinte brasileiro (...) O refresco dos impostos, que baixaram, foi destroçado pelo impacto dos tributos, que subiram.

Já no trecho abaixo, que encerra a reportagem seguinte (sobre o PIB brasileiro), observe a forte ironia empregada, ao ser lançada uma metáfora para comparar a força da economia brasileira à dos países conhecidos como “Tigres Asiáticos”. Por fim, a partícula “né”, recurso de inserção do telespectador que atribui efeito de interlocução:

Beting: A economia brasileira é um tigre na jaula há mais de 15 anos, então o tigre na jaula é uma anta, né?!

Já o terceiro trecho de comentário faz uma espécie de avaliação informal da reportagem anterior, que apresenta um livro sobre técnicas de autodefesa para mulheres. É feita alusão a um texto anterior, um episódio esportivo amplamente divulgado: Zidane, famoso jogador de futebol que, na final da Copa do Mundo de 2006, descontrolou-se e atacou o adversário com uma cabeçada. As personagens dos apresentadores aparecem não mais em *close*, mas num plano mais aberto, o que confere um tom de descontração ao discurso:



Figura 5: O tom informal do comentário que parece estar “fora do script”



- Boechat: Joelmir, eu não sei se a Nadja vai concordar, mas alguns daqueles golpes ali, a joelhada, por exemplo, além de ser um golpe baixo, é um golpe clássico, antigo...
- Beting: Então a cabeçada do Zidane também ajuda, hein?!

A cor azul do estúdio, aliada às vestes de corte reto e cores sóbrias, confere sobriedade à narrativa. Isso acontece também em *Jornal Nacional*, que surpreende pela quebra do padrão de objetividade discursiva em determinados trechos da edição de julho, como veremos nos exemplos adiante. Essa espécie de exceção discursiva fica por conta de uma seção de reportagens cuja estréia deu-se justamente na primeira edição coletada de *Jornal Nacional*. Observe a primeira alusão da apresentação à nova seção:

- Fátima Bernardes: Caravana JN! Um projeto especial (...) mostra os anseios e desejos do povo.

Assim começa a série quinzenal que se faz presente em ambas as edições do corpus aqui analisadas e que – aludindo às eleições presidenciais de 2006 –coloca-se no complexo compromisso de mostrar as necessidades da população brasileira, numa viagem de sul a norte do país. Veja que, através da personagem influente da apresentadora, o enunciador delega-se o condão de descobrir os anseios e desejos do povo, a começar pelo Sul do Brasil, primeira região tematizada na seção. A quebra no tradicional tom de objetividade deste telejornal dá-se pelo fato de a primeira pessoa explícita passar a ser um elemento enfatizado no testemunho das situações reportadas:

- Fátima Bernardes: Agora é a minha vez de perguntar: ‘onde está você, William?’
- William Bonner: Eu estou no Sul do Brasil, Fátima, por onde começa a Caravana JN!

Ocorre uma incorporação do conceito de caravana pelas personagens de apresentadores e também de repórteres, como veremos a seguir. Elas são apresentadas como seres em marcha, em comitiva para/em algum lugar, que contam as histórias presenciadas, incluindo-se nelas. Desse modo, é comum ouvirmos expressões típicas de testemunhos e vivências: “eu vi”, “eu conversei com (...)”. Como recursos de referencialidade, são lançados dados históricos e infográficos, bem como “figuras típicas” – os estereótipos de pessoas, culturas e lugares de cada uma das regiões mostradas. Esses estereótipos inclusive diferem extremamente entre as edições de julho e agosto, como veremos adiante.

Na apresentação dessas várias personagens, revela-se a postura inusitada da personagem William Bonner. O que no decorrer de grande parte de sua trajetória foi a

manifestação da objetividade através do não comentar, da referência a fontes, do texto predominantemente em terceira pessoa, agora se torna praticamente o testemunho atribuído ao que é referenciado como suas experiências. Além disso, a imagem de Bonner em plano mais aberto facilita a inserção dos telespectadores na narrativa. Ao fundo, também aparecem outras pessoas não em plano tão afastado ou mesmo inferiores, como acontece em estúdio ao serem mostradas as pessoas que trabalham na redação. Veja:

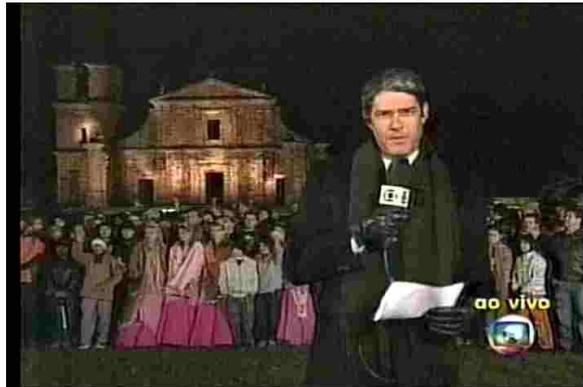


Figura 6: Povo típico e tom coloquial em foco

William Bonner: Tá um frio de renguiá cusco! Conforme o pessoal aqui, esse é um modo de dizer que o frio tá tão forte, que mesmo o cachorro, que é peludinho, acaba andando meio torto.

Observe a tradução do provérbio, dito com o sotaque do Rio Grande do Sul, com ênfase no “r” de “renguiá”. Essa interpretação se faz presente também em outros trechos dessa seção no telejornal de julho. Repórteres sob o sol, partilhando com os entrevistados as precárias condições em que se encontram nas cenas narradas, tudo isso reforça o uso do testemunho a eles atribuído, como em “eu acompanhei de perto”, frase emitida através da personagem do repórter Wilson Kirsche. Há uma espécie de contraponto à subjetividade do quadro, quando as informações são ancoradas em elementos de forte carga referencial, como dados do IBGE, entre outras fontes oficiais.

Na análise da edição de agosto, podemos constatar a presença de um traço que se torna peculiar ao quadro de reportagens especiais em que se configura a série Caravana JN: a montagem de histórias em torno de fatos mostrados como insólitos, como pérolas da cultura nacional e surpresas do dia-a-dia do povo. Como no trecho a seguir, em que a personagem do repórter Pedro Bial, vestida com roupas simples e despojadas, mostra-nos a conservação de um vale que guarda pegadas intactas de dinossauros, além da história de um agricultor que enriqueceu de um dia para outro:



- Bial: No Vale do Rio do Peixe, há pegadas de dinossauros em profusão, nítidas e preservadas como raramente se encontra (...) (...) Pertinho do Parque, o povo cava em busca de água, só que um poço pode sempre guardar uma surpresa. O Seu Crisodônio é estrela de Oliveira, planta feijão, milho, algodão, e ele tava cavando pra buscar água, né, seu Crisodônio?
- Crisodônio: É, tava cavando pra criação...
- Bial: E aí o senhor cavou um poço, que que o senhor encontrou ali?
- Crisodônio: Petróleo
- Bial: Como assim?!
- Crisodônio: Ah, perfurou o poço ali e saiu petróleo, né!
- Bial: A jazida de Crisodônio é viável, a Agência Nacional de Petróleo confirmou. Enquanto não fica rico, ele já sabe fazer pose de Presidente. E desejar...
- Crisodônio: Melhorar de vida, né, que o cabra que é da roça é sofrido, né, e nunca vem, nunca vem nada pra cá, né?!

Aqui, podemos observar as riquezas e mazelas criadas e mantidas no discurso tradicional acerca dos povos do sertão. A miséria, a pobreza, as riquezas naturais a serem preservadas. Tudo isso ajuda a confirmar um panorama midiático nacional que vem sendo mostrado ao longo do tempo também por meio de uma série de outras mídias.

O testemunho da Caravana JN ajuda a solidificar uma série de traços já conhecidos e alojados na teia de representações da mais ampla faixa da população brasileira. É uma instância que, ao mostrar, é capaz de esconder-se, revelando o dito “lado de fora” da história. Assim, acaba conduzindo um fio temático que, apesar da ampla abordagem subjetiva, tem essa característica ancorada em dados empíricos com mais intensidade que em Jornal da Band.

4. Conclusões

Os recursos discursivos aqui observados – sejam de aproximação, afastamento ou referencialidade – aplicados aos textos verbais ou icônicos, acabam trazendo certas corroborações de condutas discursivas correntes em outros campos, mas também parecem ampliar a percepção para uma série de outras possibilidades não observadas, por exemplo, na enunciação fotográfica.

Como saber conjugar de modo proveitoso as linguagens verbal e visual, sem perder nem subestimar a capacidade produtora das sempre renovadas tecnologias ou mesmo a capacidade decodificadora do receptor? Como utilizar de modo coerente todos esses recurso que situam a televisão entre a fotografia e o cinema?



Multimodalidade e produção de sentidos parecem ganhar assim – em meio audiovisual – potencialidades de dizer, de diferentes modos, coisas que podem ter sido ditas por vários outros suportes informativos. Mas como medir o alcance semiológico do discurso a partir do texto híbrido do telejornal?

Mostração. Esta talvez seja a melhor palavra para definir a veiculação de informações jornalísticas audiovisuais. Seja algo mostrado sem a atribuição verbal de maiores qualidades, seja quando palavras acompanhem a narrativa visual, fala-se de coisas que se estão vendo ou que já foram iconizadas em nossa mente a partir de um dado que tenha sido empiricamente presente ou a partir de alguma mídia da qual temos uma lembrança visual. E se mostração é a palavra, podemos também atribuir ao discurso telejornalístico também a idéia do esconder.

Os estudos em torno da linguagem telejornalística parecem encontrar-se ainda praticamente todos por demarcar. Os limites são tênues, as possibilidades de intra e interassociação são as mais diversas possíveis. São diversas as vozes que falam em cada entrelinha, e quase sinestésicos os sentidos engendrados. É o audiovisual preenchendo lacunas de extensões ainda não mensuradas.

A credibilidade resultante no discurso telejornalístico encontra, nesse trabalho, um plausível percurso de formação: a partir da ancoragem do texto em dados do mundo empírico, sejam as próprias imagens (principalmente as indiciais) de pessoas ou lugares, sejam dados estatísticos de órgãos reconhecidos ou declarações de fontes oficiais ou populares, a instância enunciativa afasta-se, dá lugar para vozes que a corroboram em seus direcionamentos sempre mostrados como oniscientes. Esse afastamento através da referência a dados do mundo, partilhados nas comunidades discursivas, produz efeitos de objetividade, cujo objetivo mais óbvio é a formação de uma impressão de realidade em direção ao último degrau que, finalmente, pode chegar a atribuir a característica de verdade a determinado discurso.

O recurso visual acaba expondo muito mais as características corporais das personagens de apresentadores, âncoras, repórteres, fontes... As preocupações em torno de como aparecer parecem ser equivalentes (quando não superiores) às preocupações acerca de por que aparecer. Essa é uma característica muito peculiar e vastamente conhecida e justificada em nossa sociedade ocidental: algo só ganha força e projeção social se estiver, em algum momento ligado à mídia televisiva. O fato é que, para o cérebro, na produção de suas “certezas”, aquela imagem está lá.



E seja qual for a escolha em relação a como buscar a tão almejada credibilidade, seja qual forem as pessoas verbais ou o tipo de linguagem – culta ou coloquial – apareçam ou não julgamentos de valor, é na ancoragem dos elementos visuais que se baseia cada edição telejornalística. As estratégias são inúmeras, e geralmente formam estruturas que parecem ter autonomia suficiente para “andarem sozinhas”, mas todo esse conjunto de fatores só produzirá algum efeito no momento em que cair na rede de valores de quem assiste, que, em se tratando de telejornalismo, geralmente é tocado nas emoções e preso à narrativa pela necessidade constante de filtrar para si o que o dinâmico e contínuo texto informativo audiovisual tem a oferecer.

Referências bibliográficas

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas: Papirus, 1995.

BARICHELLO, E. M. R. **Mídia, Territorialidades e Sociabilidades**. In: XV Encontro da Compós. Unesp, Bauru, SP, em junho de 2006. (14 p.)

BARROS, Diana L. P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana L. P. & FIORIN, José L. (orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin Michail**. São Paulo: USP, 1994.

BECKER, Beatriz. **A linguagem do telejornal**. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, José Luiz. **Sobre “mediatização” como processo interacional de referência**. In: XV Encontro da Compós. UNESP, Bauru, SP, junho de 2006. (15p.).

CAMARGO, Isaac Antonio. O uso da fotografia e a construção do objeto noticioso na edição da mídia impressa. In: NETO, Antônio Fausto; HOHLFELDT, Antônio; PRADO, José Luiz Aidar e PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.). **Práticas Midiáticas e Espaço Público**. Coleção Comunicação 10 (Compós Volume 1). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CARLÓN, Mario. **El lugar del dispositivo en los estudios sobre televisión**. In: **Sobre lo televisivo (dispositivos, discursos y sujetos)**. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Dos telejornais: entre temporalidades e tons**. In: XV Encontro da Compós. Unesp, Bauru, SP, em junho de 2006. (13 p.)

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

FERREIRA, Jairo. **Mídia e conhecimento: objetos em torno do conhecimento de dispositivo**. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador, BA, em setembro de 2002 (18 p.)



HACKETT, Robert A. Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objectividade nos estudos dos *media* noticiosos. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega, 1993. (p. 101-30).

JOLY, Martine. **Introdução à análise de Imagem**. Campinas: Papirus, 1999.

KRESS, Gunter & LEEUWEN, Theo Van. **Reading images: The grammar of visual design**. London: Routledge, 1996.

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LIMA, Ivan. **A Fotografia é a sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1988.

LITTLEJOHN, Stephen. Interacionismo Simbólico. In: **Fundamentos teóricos da comunicação humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Ed. Unicamp, 1993.

_____. **Análise de textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004.

PERUZZOLO, Adair C. **Comunicação como Encontro**. São Paulo: Edusc, 2006.

_____. **Elementos de semiótica da comunicação**. São Paulo: Edusc, 2004.

ROSA, Rosane; MORIGI, Valdir José. Cidadania midiaticizada, cidadão planetário. In: **Comunicação e Espaço Público**. Ano VII, nº 1 e 2, 2004. (p. 81-93).

SODRÉ, Muniz. **O ethos midiaticizado**. In: **Antropológica do Espelho**. Por uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. (p. 11-82).

SCHUDSON, Michael. A política da forma narrativa: a emergência das convenções noticiosas na imprensa e na televisão. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega, 1993. (p. 278-93).

TRINTA, Aloísio R.; NEVES, Teresa C. C. **A função cognitiva do jornalismo: a contribuição de Robert E. Park**. Trabalho apresentado ao NP 02 – Jornalismo do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2004.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega, 1993. (p. 75-90).

VERÓN, Eliseo. Quando ler é fazer: a enunciação no discurso da imprensa escrita. In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

_____. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

VILAFANE, Justo. **Introducción a la Teoría de la Imagem**. Tercera edición. Madrid: Ediciones Piramide, 2000.

VILCHES, Lorenzo. **La lectura de la imagem**. Buenos Aires: Paidós, 1991.

WEAVER, Paul. As notícias de jornal e as notícias de televisão. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega, 1993. (p. 295-305).